

ELIAS CANETTI

# O JOGO DOS OLHOS

*História de uma vida*  
1931-1937

*Tradução*  
Sergio Tellaroli



Copyright © 1985 by Carl Hanser Verlag München Wien.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

Das Augenspiel: Lebensgeschichte: 1931-1937

*Capa*

Jeff Fisher

*Imagem da capa*

© Popperfoto/ Getty Images

Uma cena de Viena, café e dança no parque, c. 1930

*Preparação*

Mário Vilela

*Revisão*

Adriana Moretto

Renato Potenza Rodrigues

*Atualização ortográfica*

Verba Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Canetti, Elias, 1905-1994

O jogo dos olhos : história de uma vida 1931-1937 / Elias  
Canetti ; tradução Sergio Tellaroli. – São Paulo : Companhia  
das Letras, 2010.

Título original: Das Augenspiel: Lebensgeschichte.

ISBN 978-85-359-1767-3

1. Autores austríacos — Século 20 — Biografia 2. Canetti,  
Elias, 1905-1994. I. Título.

---

10-10506

CDD-833.912

Índice para catálogo sistemático:

1. Escritores austríacos : Literatura austríaca em alemão :  
Biografia 833.912

2010

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

*Para Hera Canetti*

# SUMÁRIO

## I. O CASAMENTO

Büchner no deserto 9 • Olho e respiração 24 • O início de um antagonismo 37 • O regente 48 • Troféus 57 • Estrasburgo, 1933 63 • Anna 73

## II. DR. SONNE

Um irmão gêmeo de presente 94 • A “estátua negra” 104 • Silêncio no Café Museum 118 • Comédia em Hietzing 121 • A descoberta do homem bom 131 • Sonne 140 • A Operngasse 159

## III. O ACASO

Musil 172 • Joyce sem espelho 180 • O benfeitor 187 • Os ouvintes 195 • O funeral de um anjo 206 • Alta instância 212

## IV. GRINZING

Himmelstrasse 220 • A última versão 228 • Alban Berg 236 • Encontro no Bar Liliput 241 • O exorcismo 246 • A fragilidade do espírito 255 • Convidados aos Benedikt 260 • “Estou procurando meus iguais!” 269 • Uma carta de Thomas Mann 276 • Ras Kassa. O berreiro 282 • O bonde nº 38 287

## V. A SÚPLICA

Reencontro inesperado 293 • A Guerra Civil espanhola 298 • Conferência na Nussdorferstrasse 306 • Hudba. Camponeses dançando 314 • Morte da mãe 326

Sobre o autor 337

## I. O CASAMENTO

### BÜCHNER NO DESERTO

*Kant fängt Feuer* [Kant pega fogo] — assim se chamava, então, o romance\* — deixara-me desolado. A queima nos livros era algo pelo qual não podia me perdoar. Não acredito que ainda lamentasse por Kant (o posterior Kien). Tanto mal fora-lhe infligido ao longo de todo o trabalho no livro, eu havia me atormentado tanto a fim de reprimir minha compaixão por ele — não me permitindo demonstrá-la nem mesmo da forma mais velada —, que pôr um fim a sua vida pareceu-me, do ponto de vista do escritor, sobretudo uma redenção.

Para essa libertação, porém, haviam sido empregados os livros, e que *estes* se consumissem em chamas foi para mim como se fosse eu próprio a arder. Sentia-me como se tivesse sacrificado não apenas meus livros, mas também os do mundo inteiro, já que a biblioteca do sinólogo continha tudo o que havia de importante para o mundo: os livros de todas as religiões, de todos os pensadores, os da totalidade das literaturas orientais, os das ocidentais que tivessem conservado em si um mínimo que fosse de vida. Tudo isso fora consumido pelo fogo, e eu permitira que assim fosse sem ao menos uma única tentativa de salvar alguma coisa. O que restou foi um deserto, agora nada mais havia além dele. Disso eu era culpado, pois o que se passa num tal romance não é meramente um jogo, mas uma realidade pela qual temos de responder perante nós mesmos, muito mais do que a qualquer crítica vinda de fora; e, ainda que seja um medo de grandes proporções o que nos impele a escrever

\* Canetti refere-se ao seu romance *Auto de fé*, publicado em alemão com o título *Die Blendung* [O cegamento]. (N. E.)

tais coisas, permanece sempre matéria para reflexão saber se, ao fazê-lo, não estamos ajudando a produzir justamente aquilo que tanto tememos.

A ruína instalara-se, pois, em mim, e dela não conseguia me livrar. Estampara-se já, sete anos antes, com *Die letzten Tage der Menschheit* [Os últimos dias da humanidade, de Karl Kraus]. Agora, porém, havia assumido uma forma bastante pessoal, que brotava das constantes de minha vida: do fogo, cuja conexão com a massa eu reconhecera no 15 de julho, e dos livros, com os quais me relacionava no dia a dia. O que eu emprestara ao protagonista do romance era algo tão essencial que, apesar de nossa diversidade em tudo o mais, e mesmo depois de ele ter já cumprido seu objetivo, não me foi possível tomá-la de volta incólume e impune.

O deserto que criara para mim mesmo começou a cobrir tudo. Jamais senti com maior intensidade a ameaça ao mundo em que vivíamos do que após a ruína de Kien. Mergulhei de volta num desassossego semelhante àquele anterior, sob cujo efeito esboçara a *Comédie Humaine an Irren* [Comédia humana dos loucos], com a diferença de que, nesse meio-tempo, algo decisivo acontecera, e eu me sentia culpado. Tratava-se de um desassossego que não era desprovido do conhecimento de sua própria causa. À noite, mas também durante o dia, eu percorria os mesmos caminhos. A possibilidade de me dedicar a um outro romance, ou mesmo a algum da série outrora planejada, não era mais cogitada: meu enorme intento havia sufocado impiedosamente na fumaça da queima dos livros. Em vez disso, não via agora, onde quer que me encontrasse, nada que não estivesse à beira de uma catástrofe prestes a irromper a qualquer momento.

Cada conversa que entreouvía de passagem parecia a última. Sob pressão terrível e implacável, os acontecimentos marchavam para o que, em momentos derradeiros, tinha de ser. Não obstante, vínculos os mais estreitos uniam os ameaçados ao que lhes sobreveio. Eles haviam conduzido a si mesmos para uma situação da qual não havia escapatória. Tinham-se dado

ao peculiar e extraordinariíssimo trabalho de serem *merecedores* da própria ruína. Cada um daqueles cujas conversas eu ouvia parecia-me tão culpado quanto eu mesmo o era, desde que ateava aquele fogo. Porém, à exceção dessa culpa, que, como um éter particular, tudo impregnava sem nada poupar, as pessoas permaneciam exatamente as mesmas, tanto no tom quanto na aparência. As situações em que estavam eram-lhes inconfundivelmente próprias, independentemente daquele que as percebeu e acolheu. Tudo o que este fez foi dar-lhes uma direção e enchê-las de seu próprio medo, como que de um combustível. Cada cena ante a qual o ar lhe faltou, que acolheu com a paixão daquele que percebe, para quem a percepção tornou-se a única razão de ser, terminava em ruína.

Ele as registrou com grande pressa e em letras garrafais, como rabiscos nas paredes de uma nova Pompeia. Ele o fez à maneira dos *preparativos* para a erupção de um vulcão ou para um terremoto: percebe-se que ele virá muito em breve, que nada pode detê-lo, e registra-se o que se passou antes — aquilo que as pessoas faziam, separadas por seus afazeres e circunstâncias, nada suspeitando da proximidade de seu destino, aspirando a atmosfera de asfixia em seu respirar cotidiano e, por isso mesmo, respirando um pouco mais febril e obstinadamente, antes que o destino se tenha efetivamente cumprido. Lancei cena após cena no papel, cada uma possuindo existência autônoma, desconectada das demais, mas todas terminando em ruína brutal, e só por meio desta vinculando-se umas às outras. Hoje, ao examinar o que delas permaneceu, parecem-me como que nascidas das noites de bombardeio da ainda futura Guerra Mundial.

Cena após cena — foram muitas, escritas como que de um só fôlego, com uma pressa obsessiva — conduzia à ruína para, logo em seguida, ter início uma nova, ambientada em meio a outros seres humanos e nada tendo em comum com a anterior, exceto pela *merecida* ruína na qual desembocava. Era como um julgamento indiscriminado que tudo abrangia. Punido com maior rigor foi aquele que se arrogou impor tal julgamento sobre os outros, pois, pretendendo afastá-la, provocou-o. Foi ele

quem enxergou o desamor desses seres humanos. Roçou-lhes de leve ao passar, olhou para eles e os abandonou em seguida. Ouviu-lhes a voz, que jamais se perdeu de seus ouvidos; carregou-a adiante, juntando-a às demais, todas igualmente desprovidas de amor; e, quando essas vozes do egoísmo, que preservara consigo, ameaçavam rebentar-lhe a cabeça, lançava no papel, pressionado, as que mais urgiam.

Naquelas semanas, o tormento maior era o quarto na Hagenberggasse. Eu já vivia ali havia mais de um ano, com as fotografuras do altar de Isenheim. Com seus detalhes impiedosos da crucificação, elas haviam se tornado parte de mim mesmo. Enquanto trabalhei no romance, pareceu-me correta a posição que ocupavam: impelia-me sempre adiante em uma única e mesma direção, um aguilhão implacável. Delas eu *queria* padecer. Não me habituei àquelas gravuras, mas jamais as perdi de vista. Transformaram-se em algo que, aparentemente, nada tinha a ver com elas, pois quem teria sido tão atrevido e louco a ponto de comparar os sofrimentos do sinólogo aos de Cristo? E, no entanto, uma espécie de vínculo se estabelecera entre as gravuras na parede e os capítulos do livro. Precisava tanto daqueles quadros que jamais os teria substituído por outros. Não me deixava perturbar nem mesmo pelo espanto das raras visitas que recebia.

Porém, quando biblioteca e sinólogo já haviam se consumido em chamas, algo estranho aconteceu, algo pelo qual não esperava: Grünewald recuperou toda a sua força. Terminado o trabalho no romance, o pintor continuava ali, por si só. No deserto que eu criara, somente ele permanecia ativo. Quando chegava em casa, horrorizava-me com as paredes de meu quarto: tudo o que sentia de ameaçador tornava-se ainda mais intenso com Grünewald.

Por essa época, era-me impossível encontrar amparo mesmo na leitura. Não se tratava apenas de ter perdido os direitos sobre os livros, uma vez que os havia sacrificado por um romance. Mesmo quando me obrigava a superar esse sentimento de culpa e estendia a mão para apanhar um livro (como se ele



ainda existisse, como se não tivesse queimado com os outros, sucumbido), obrigando-me ainda a lê-lo, ele logo me enojava — tanto mais quanto melhor o conhecesse e por mais tempo o amasse. Lembro-me da noite em que, irado, abandonei o Stendhal que, diariamente, ao longo de um ano, animara-me ao trabalho. E não sobre a mesa, mas no chão. Estava tão desesperado com minha decepção que nem ao menos o apanhei de volta: deixei-o ficar ali. De outra feita, tivera a ideia insensata de tentar Gogol, e, então, até mesmo *O capote* pareceu-me pueril e arbitrário: perguntei a mim mesmo o que algum dia me entusiasmara tanto naquela novela. Nenhuma dentre as obras que me eram familiares, aquelas que me formaram, surtia efeito. Com a queima dos livros, talvez tivesse realmente destruído todo o velho. Aparentemente, os volumes estavam ainda todos ali, mas seu conteúdo fora *incinerado*: dele não restava mais nada em mim, e cada tentativa de fazer ressuscitar o que fora reduzido a cinzas despertava raiva e resistência. Após algumas tentativas lastimáveis, todas fracassadas, não os tomei mais nas mãos. A estante com os livros verdadeiros, inúmeras vezes lidos, permaneceu intacta. Era como se eles não estivessem mais ali, eu não os *via* mais, não estendia a mão para apanhá-los — o deserto ao meu redor tornara-se completo.

Então, uma noite, num estado de espírito que não poderia ser mais desesperador, encontrei minha salvação em algo desconhecido, algo que tinha comigo em casa havia muito tempo já, sem jamais tê-lo tocado: um volume de Büchner. Já pela sua posição na estante, era impossível deixar de notar aquele livro alto, em linho amarelo e de tipos grandes, colocado ao lado de uma edição semelhante de Kleist, esta em quatro volumes, dos quais cada letra me era familiar. Soará inacreditável se disser que jamais havia lido Büchner, mas é verdade. Certamente sabia de sua importância, e acredito que soubesse também do quanto ele viria ainda a ser importante para mim. Haviam-se passado, possivelmente, dois anos desde que vira aquele volume na livraria Vienna, na Bognergasse, o comprara, o levava para casa e o colocara ao lado de Kleist.